

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal de Brasília*

Class.: 18

Data: 10 de fevereiro de 1989

Pg.: _____

4468
ECOLOGIA

Caiapós decidem pôr a boca no trombone

Encontro dos índios do Xingu vai cobrar explicações sobre construção de usinas

No ano da ecologia, depois que o Brasil foi visto no exterior como uma nação que pouco se preocupa com a natureza (as queimadas na Amazônia foram o escândalo preferido da imprensa internacional em 88), os índios Caiapós resolveram colocar a boca no mundo. Estão cobrando da estatal Eletronorte explicações sobre uma série de usinas que podem ser construídas ao longo do Rio Xingu, ameaçando várias tribos de inundação. As cobranças serão feitas no I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, que acontecerá de 20 a 25 de fevereiro, em Altamira, estado do Pará.

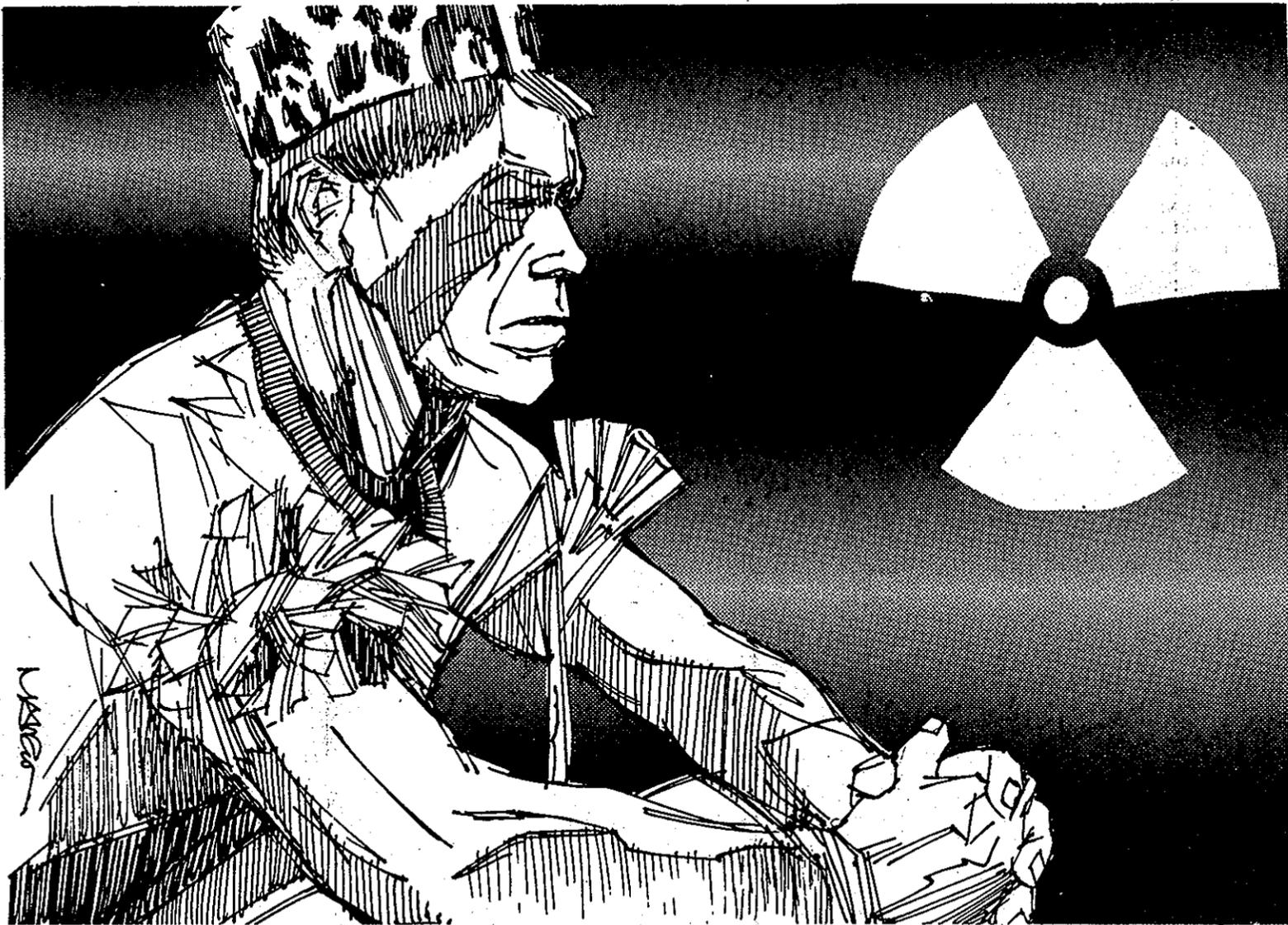
Apesar de ser um encontro que discutirá, aparentemente, um assunto brasileiro, o evento se revestirá de um caráter internacional. Várias emissoras de rádio e televisão do exterior, além de toda a imprensa nacional, estarão na pequena cidade de Altamira para acompanhar o diálogo entre índios e Governo. Já confirmaram a presença a RAI italiana, a BBC de Londres e as produtoras das TVs Granada e Central, da Inglaterra. Estão sendo aguardados pelo menos 100 jornalistas.

O clima internacional do encontro será dado ainda por várias tribos indígenas de outros países que poderão aportar em Altamira. Até agora foram confirmadas as presenças de uma comitiva de índios canadenses e um indígena da Malásia, cuja tribo foi afetada pela construção de uma barragem. Os índios norte-americanos não confirmaram se viriam, mas já enviaram fitas de vídeo com mensagens. Espera-se ainda a vinda de representantes da Green Peace, uma das entidades ecológicas mais ativas do mundo.

Desconfiança

A intenção dos índios Caiapós é abrir o máximo possível o encontro que as tribos do Xingu terão com o Governo. "Eles são muito desconfiados e acham que quanto mais gente ouvir a conversa, maior será o comprometimento", disse Márcio Santilli, ex-deputado e secretário-executivo do recém-criado Núcleo de Direitos Indígenas, seção Brasília. Santilli informou que nas conferências que fez no exterior, no final do ano passado, um dos líderes Caiapós, Paulo Paiacá, pediu a ajuda do maior número de entidades ecológicas possíveis. E parece que o chamado teve um forte eco.

Mas, não é apenas em solidariedade que a imprensa nacional e estrangeira resolveu marcar ponto no I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu. O assunto ecologia nunca esteve tão quente quanto em 1989, ainda mais quando o envolvido é uma república cheia de contradições chamada Brasil. No ano passado, poderosas mídias, como o jornal norte-americano *The New York Times*, publicaram mais de um editorial alertando para o perigo das queimadas na Amazônia. Segundo o artigo, estava em jogo não apenas



o futuro do País, mas do mundo inteiro.

Somente no ano passado, as queimadas arrasaram com mais de 200 mil quilômetros da mata amazônica, uma extensão que escandalizou o mundo inteiro; afinal, toda a floresta queimada poderia interferir no equilíbrio ecológico do planeta Terra. O Governo brasileiro, assustado com o pulo da imprensa internacional, viu que as reações eram ruins para a imagem do País e para as negociações com os bancos estrangeiros, que ultimamente vinham conjugando os empréstimos a cobranças ecológicas.

Como se não bastassem as queimadas, que colocaram o Brasil como uma nação ecologicamente irresponsável, todos souberam perplexos, no dia 20 de dezembro, da morte do ecologista Francisco Alves Mendes Filho, ou Chico Mendes, exatamente um dos maiores defensores do verde da Amazônia. O assassinato teve reflexos em Nova Iorque e Washington, onde um grupo de deputados do Congresso norte-americano fez um protesto veemente pelo que havia acontecido ao ecologista.

As queimadas na Amazônia e a morte do Chico Mendes são apenas a ponta de um mal disfarçado ice-

berg brasileiro chamado desrespeito à natureza. Todos sabem disso, mas poucos se preocupam para o fato de que ecologia no Brasil parece ser um assunto para distrair intelectual em barzinho. Até uma escola que resolve usar a ecologia como tema de carnaval, como a Unidos da Ponte fez este ano, usa incoerentemente penas de avestruz no desfile, numa agressão à natureza.

Futuro

A questão indígena, que passa pela demarcação de terras e a ameaça de serem expulsos por hidrelétricas, tem uma relação enorme com a morte de Chico Mendes e essa despreocupação ecológica que afeta o País. E, no Encontro de Altamira, além do problema das usinas que talvez a Eletronorte construa no Rio Xingu, a discussão girará em torno do próprio futuro da Amazônia.

Por tudo isso, o evento reveste-se de uma grande expectativa, que, inclusive, gerou notícias não muito verdadeiras, como a que previa a vinda da atriz Jane Fonda, da ex-atriz e agora ecologista Brigitte Bardot e do cantor Sting, este, amigo particular dos índios xinguanos. "Não há confirmação da presença de starlets", disse Carlos Alberto Ricardo, do Núcleo dos Direitos-Indígenas, de São Paulo, que está ajudando os Caiapós a preparar o encontro.

teira seria feita uma das sete hidrelétricas.

Usina

Carlos Alberto disse que não houve nenhum interesse dirigido em transformar o Encontro de Altamira em algo de dimensões internacionais: "Foi o próprio Governo quem empurrou os índios para a conexão internacional, na medida em que tratou os índios como estrangeiros, estabelecendo a identidade entre eles e o público externo. Agora, o Governo usa a retórica nacionalista para, deslegitimando o evento. Do ponto de vista dos índios é uma reunião de esclarecimento. Não é de responsabilidade dos índios o fato da Amazônia ter entrado no contexto internacional".

O motivo de esclarecimento dos índios, de que fala Carlos Alberto, tem a ver mais diretamente com a questão das sete usinas hidrelétricas, que a Eletronorte estaria disposta a construir no Rio Xingu. Todas as informações sobre esse projeto sempre terminam num emaranhado complexo de contrainformações que só torna mais nebuloso o assunto. Os Caiapós temem que as usinas aluguem as terras de várias tribos, inclusive uma parte do Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso, perto de cuja fron-

Possório Carvalho, consultor para assuntos indígenas da Eletronorte, disse que não está programada a construção de sete usinas, e sim de apenas uma, que ficaria localizada a 600 quilômetros da tribo dos Caiapós. Em compensação, estaria na linha de fogo a tribo dos Jurunas, na área de Paquiçamba, onde seria feita a única usina, que deve ter ainda a aprovação do Congresso Nacional para sair do papel.

Os índios, porém, não confiaram na conversa de pé de ouvido dos técnicos da Eletronorte. Há algum tempo, os Caiapós pediram à estatal que fosse explicado a eles o funcionamento de uma usina hidrelétrica. Na semana passada, a empresa levou os Caiapós, liderados por Paulo Paiacá, para conhecer Tucuruí. Segundo Possório, os indígenas foram mudos e voltaram calados: "Não disseram nada". O resultado da visita, porém, poderá explodir no I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em Altamira. Lá, o suspense vai acabar. E o Brasil e o mundo vão ter idéia das consequências de uma usina no Xingu e conhecer um pouco mais sobre a ameaçada Amazônia. (Rubens Araújo)